

AS IDENTIDADES DE BARTLEBY EM DIÁLOGO COM AS CIÊNCIAS DA POTÊNCIA: A RESISTÊNCIA À SUBSTÂNCIA

THE BARTLEBY'S IDENTITY INTERACTING WITH POTENCY SCIENCIES:
RESISTANCE SUBSTANCE

Guilherme Lima CARDOZO⁴⁷

RESUMO: Este artigo se propõe a apresentar como a(s) identidade(s) do personagem central da obra de Herman Melville, *Bartleby, o escrivão*, são constituídas e representadas através da implosão de um eu num outro, que são um só e nenhum, ao mesmo tempo. Aqui o ego bartlebyano é exposto e posto em contato com ciências que abordam o tema da potencialidade e da contingência à sua maneira, entretanto não escapando ao ponto crucial tratado na obra supracitada, qual seja, a preservação da potência de ser e de não ser na mesma identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bartleby; identidades; potência; contingência; substância.

ABSTRACT: This article aims to show how identity of the central character of the Herman Melville's text, *Bartleby, the Scrivener*, are constituted and represented by the implosion of self in another, which are one and none, in the same time. Here Bartleby's ego is exposed and brought into contact with sciences that address the issue of potential and contingency in its way, but not escaping the main treated in the above work, namely, the preservation of the power of being and not being in same identity.

KEYWORDS: Bartleby; identities; potency; contingency; substance.

⁴⁷ Doutor em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/Rio.

INTRODUÇÃO

Falar em processo identitário no que concerne ao sujeito bartlebyano é, em todas as formas possíveis e impossíveis, falar em simulação do eu e do outro na mesma subjetividade. Destruir dicotomias, implodindo-as em um só “eu”; libertar o sujeito da escravidão logocêntrica; esvaziar o ego das tensões entre Id e Superego, fazendo emergir o estado de potência; essas são algumas das características marcantes desta identidade tão peculiar, retratada por Herman Melville, em *Bartleby, o escrivão*.

O artigo faz um recorte da identidade de Bartleby sob uma perspectiva freudiana, buscando aproximar alguns conceitos importantes no primado da psicanálise, tais como o estranho e o inconsciente, nas performances não somente do personagem, mas também nas ações do homem de lei – o interlocutor (se é que há interlocução) –, o qual busca incessantemente traduzir as atitudes do escrivão, a fim de restabelecer ao seu ego a sua tranquilidade inerente. Além disso, os objetos presentes no enredo, e isso se verá no desenrolar deste ato de leitura, não estão ali de balde: toda a natureza que compõe a trajetória do conto de Melville será importante para que tenhamos êxito em fazer uma satisfatória “análise” – em termos freudianos – das personalidades ali inseridas.

Atidos especialmente ao caráter de Bartleby, traçaremos relação estreita entre sua natureza com a natureza divina, para isso, utilizar-nos-emos de pontos de vista pertencentes às principais religiões monoteicas – cristã, árabe e judaica – acerca do ato de criação e da metáfora da escrita, tão conjuntos no desenvolvimento de suas epistemologias. Veremos de que forma essas religiões concebem determinados conceitos, como a gênese do mundo, a essência de Deus, e como todas essas questões se inserem de forma tão intrínseca na(s) identidade(s) deste escriba não menos revelador que misterioso.

Ainda, tentaremos buscar nos compêndios da Física Quântica algumas teorias que nos sirvam de fundamento para compreender a estranha natureza de Bartleby,

esse sujeito que ao mesmo tempo parece estar não estando, não fazendo e não sendo, ao passo que restabelecendo sua potência tanto de fazer como de ser. Presença e ausência, sólido e vazio, estados que aparentam ser contrários, mas que em *Bartleby* procuram restaurar a sua estabilidade, sua origem, e por isso a ciência sub-atômica foi aqui resgatada para os fins de fazer uma leitura científica de *Bartleby* como exemplo-mor da natureza de todo e qualquer ser humano: o estado de potência.

Não obstante, trabalharemos com muitos conceitos fundamentais para o desenvolvimento de qualquer ato de leitura, recorrendo a excertos de Aristóteles, Deleuze, Beckett, dentre outros, de forma que, teoricamente enriquecido, o trabalho possa oferecer um acréscimo que seja aos estudos sobre as questões relativas a identidade/alteridade, bem como aos estudos de literatura e linguagem, concebidas aqui sob o paradigma da práxis, criadora de mundos e de si mesma, e que resiste vorazmente ao representacionismo a ela atribuído desde a Antiguidade, encontrando na figura apática, porém resoluto, do escrivão o seu ponto de equilíbrio.

1. BARTLEBY E A PSICANÁLISE

Confesso que já li esse maravilhoso texto por algumas vezes, porém, apenas na última, concentrei-me nos aspectos psíquicos circundantes à mente dos personagens, e isso me trouxe revelações que jamais ousaria buscar sozinho, sem a ajuda dos trabalhos de Sigmund Freud. Sob esse aspecto, percebi que, apesar de o conto levar o nome do escrivão, a figura principal, a que norteia toda a estrutura psicológica do texto, não é a de *Bartleby*, mas sim a do narrador.

Percebi que, vez ou outra, ele – o narrador – utiliza o adjetivo “estranho” ao se referir a seu copista, e esse estranhamento por parte do narrador me remeteu ao trabalho de Freud – *O Estranho* – à medida em que eu avançava na análise do discurso desse homem da lei. Ao se apresentar ao leitor, ele se autodenomina como um homem tranqüilo, pouco ambicioso, prudente, metódico, avesso ao risco e ao confronto, um *safeman*. O ambiente no qual trabalha também não possui alguma ambição estética, de um lado dava a uma parede branca, do outro a uma alta parede

de tijolos. Interessante são os elementos que laboram com ele: Turkey, um inglês baixo e gordo, quase da idade do narrador, que pela manhã apresentava-se sereno e calmo, e após o meridiano ‘brilhava como a grelha de um fogão de carvões de Natal’. Nippers era o contrário, jovem, bem vestido, ambicioso, e de comportamento inversamente proporcional ao de seu colega: enquanto Turkey estava tranqüilo pela manhã, Nippers exibia imensa nervosidade, arrastando sua escrivaninha pra lá e pra cá. Após o meridiano, transformava-se num espírito quieto ao passo que seu colega fazia as vezes da hiperatividade.

Embasando-me na psicanálise, não pude deixar escapar essas características tão especiais de Turkey e Nippers, comparando-as às dos sistemas consciente (Cs) e inconsciente (Ics). Observei que o narrador se refere a ambos de forma respeitosa apenas em seus momentos de brandura, ao descrever Turkey após o meio-dia cita exemplos de como ele ficava demasiado ativo, agitado, esquisito e excitado, dado a fazer borrões nos documentos. Trazendo isso à ciência em questão, essa diferença de comportamento também aparece na diferenciação entre os sistemas Cs e Ics, sendo o primeiro controlado em emoções, devido à barreira da censura que atua impedindo que o Ics descarregue suas catexias ao sistema Cs. Já o segundo sistema é exatamente como seus subordinados, um após, outro antes do meridiano: consiste em representantes instintuais que procuram descarregar suas catexias, seus impulsos carregados de desejo, com intensa mobilidade, indiferentes à realidade externa. Não consigo deixar de pensar na seguinte hipótese: não seria esse escritório, cercado por uma natureza morta, no qual habitam a todo tempo, paralelamente, a agitação desordenada e a paz domesticada, nas figuras de Turkey e Nippers, a mente desse narrador, repleta desses atos psíquicos conscientes e inconscientes em constante conflito?

Quando o narrador diz que Turkey ficava “não só imprudente, tristemente dado a fazer borrões depois do almoço, como, alguns dias, ia mais longe, tornando-se bastante barulhento”, e ao se referir ao Nippers pré-meridiano diz que “sua indigestão parecia se manifestar numa petulância nervosa, nuns esgares de irritação, que provocavam um ranger de dentes perfeitamente audível”, remeteu-me à obra de

Samuel Beckett intitulada *Not I*, onde a linguagem proveniente do inconsciente, não se deixa explicar por quaisquer princípios psicológicos, qual seja, a consciência, e está repleta, como na peça, desses intermitentes barulhos: “*Yes...all the time buzzing*”.

O terceiro elemento era Ginger Nut, um menino de onze anos que trabalhava como encarregado de serviços gerais no escritório. Possuía uma escrivaninha, mas - ao contrário de Nippers que, antes do almoço, arrastava-a de um lugar ao outro, como que procurando estabilidade dentro do espaço que lhe era dado, da mesma forma que os atos psíquicos inconscientes se movem e através do deslocamento tentam ultrapassar a barreira da censura - o mancebo pouco utilizava sua mesa. Aí podemos observar também a figura da infância, sempre presente nas análises freudianas como um detentor de idéias reprimidas que retornam em forma de recalque.

Analisados sob um olhar psicanalítico os coadjuvantes desse conto tão rico em elucubrações, vamos à figura de Bartleby. Em princípio, interessante a forma como ele surge no escritório. Não se pode chamá-lo se intruso, afinal foi após um anúncio feito pelo narrador que Bartleby ali surgiu. Porém, não chamou, nem bateu à porta, simplesmente apareceu, imóvel. Dentre as muitas justificativas por parte do narrador das quais está recheada este conto, sobre a aparição de Bartleby, diz-se que a porta estava aberta, pois era verão. Contudo uma dúvida ainda não me foi completamente esclarecida: conforme delineado no decorrer do conto, Bartleby nunca pegara num jornal para ver anúncios, de que forma então ficou ele sabendo do emprego oferecido? A resposta que encontrei para essa e outras perguntas somente quem mas forneceu foi a psicanálise.

1.1. A distribuição espacial de Bartleby

A primeira impressão que o narrador teve de Bartleby ao vê-lo foi a de um homem singularmente pacato, que pudesse ter uma influência benéfica sobre os temperamentos desequilibrados dos seus outros dois copistas. Pois bem, o escritório possuía uma porta que o dividia em dois, “abria-as e fechava-as, conforme a minha

disposição”, diz o narrador, resolvendo assim colocar Bartleby junto dessas portas, porém, mais ao seu lado, de modo a tê-lo mais perto em caso de necessidade. Para acrescentar, isolava o escrivão de seu campo de visão ao adquirir um biombo verde, a fim de que mantivesse sua privacidade, entretanto ao alcance de sua voz. Bartleby significava para ele a privacidade – pois ele sabia que devido à sua serenidade, não seria incomodado por tal – ao mesmo tempo a convivência, afinal se sabia de sua presença bem ali.

Não embalde essa distribuição espacial do escritório. Ainda transformando-o numa metáfora do cérebro do narrador, Bartleby, que, conforme veremos, é a encarnação das possibilidades, só poderia se localizar no limiar daquela porta de vidro que a todo instante se abre e se fecha, proporcionando a entrada e a não-entrada de atos psíquicos provenientes dos dois sistemas. Bartleby seria essa tentativa de manter em potência, e não em ato, os atos psíquicos refletidos nas ações dos dois copistas, um tentamento desesperado de manter a ordem das coisas, de forma que o escritório pudesse ser o espelho fiel do ego daquele que nos narra.

1.2. Bartleby e algumas características especiais do sistema Ics

No trabalho acerca do inconsciente, Freud relata-nos que os processos desse sistema “são intemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não se alteram com a passagem do tempo; não tem absolutamente qualquer referência ao tempo (...) Do mesmo modo, esses processos dispensam pouca atenção à realidade, e estão sujeitos ao princípio do prazer; seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer”. No início do conto, sabemos que Bartleby executa uma enorme quantidade de trabalho, de maneira voraz. Não fazia pausa para comer, trabalhava dia e noite, silenciosamente, mecanicamente. Mais à frente, veremos que o escrivão de fato não comia nada além de alguns bolos de gengibre, fornecidos por Ginger Nut, e que não saía em momento algum do escritório, fazia dele seu próprio lar.

Se de fato dormia, não se sabe, do que se tem informação, e o que podemos depreender, é que Bartleby também parecia ser intemporal, não possuir noção de presente e futuro. Após ser advertido pelo homem de lei acerca do prazo de seis dias para sua saída daquele recinto, Bartleby simplesmente “preferia de não fazer qualquer mudança”, seis dias, seis anos, seis séculos, para Bartleby era indiferente, contanto que sua missão estivesse sendo executada. Destarte, o mundo externo para Bartleby também era algo indiferente, haja vista que seu mundo, desde então, tornou-se aquele espaço cercado por paredes e muros de tijolos, com uma pouca luz lá em cima dos edifícios.

1.3. Bartleby, o estranho e os lapsos

Em *A psicopatologia da vida cotidiana*, Freud dirá que os lapsos de linguagem quase sempre nos causam espanto, surpresa, até mesmo vergonha, pois se tratam de idéias que retornam através de pressões do sistema Ics no sistema Pcs (pré-consciente), trazendo palavras ou ações que o nosso aparelho lingüístico articula sem saber o porquê. Esse efeito de surpresa, também aqui atribuído ao estranho, aparecerá no conto de Melville na primeira ocorrência do mantra bartlebiano *I would prefer not to*, momento em que o narrador se vê inteiramente estupefato com a atitude de seu copista. Ao que, ainda não conformado, resolve insistir no pedido para que confira as suas cópias, mas após mais duas réplicas de Bartleby com a mesma frase, o narrador resolve olhá-lo com firmeza, a fim de descobrir o que de fato se passava na mente daquele homem. O que causa espanto ao narrador é que não havia no semblante do escrivão nada de “ordinariamente humano” que pudesse lhe causar a sensação de raiva ou furor. Ao se ver completamente vencido por aquele aspecto não-humano, pensa: “isto é muito estranho”, porém, é essa desumanidade no rosto do escrivão que lhe vai despertar o sentimento de humanidade, e no decorrer do texto, essa atitude estranha mostrar-se-á tão íntima, tão familiar do narrador que a única alternativa possível será unir-se a Bartleby, ser seu amigo, convidá-lo a sua casa.

O que me levou a falar sobre os lapsos de linguagem aqui neste capítulo é o fato de me bater uma desconfiança muito grande acerca da figura de Bartleby, em relação à do narrador. Em alguns momentos percebo a figura a qual Freud denominava “duplo” nesse personagem.

A aparição misteriosa, a incessante preferência por não executar as ordens que lhe eram dadas, a forma como seu comportamento agia sobre o narrador, causando-lhe estranheza, e depois um desconcerto tal, a ponto de desarmá-lo por causar piedade, esses conflitos contraditórios são típicos do ego com seu alterego. Seria Bartleby a potência de não ser daquele narrador que a todo instante exigia a transposição da potência para o ato? A estranheza seria um efeito causado por ver em Bartleby uma coragem que ele gostaria de ter, mas de fato não tinha? E a piedade ao tolerar tais indolências, reflexo de uma impotência assumida perante às forças do inconsciente, as quais se tornam soberanas de nossas atividades psíquicas, independente de nosso controle? Bartleby, em determinada passagem, impede que o narrador adentre seus próprios domínios, numa manhã de domingo. Seria a afirmação do inconsciente sobre o sujeito cartesiano, impotente e sem alternativas diante daquilo que lhe é incognoscível?

Em princípio, as preferências de Bartleby eram apenas lapsos para o narrador, tanto que ele repete as ordens, buscando receber outras respostas. Por fim, compreenderá que as tentativas de enquadramento do comportamento do escrivão a seus moldes é algo impossível, completamente em vão, e que a probabilidade de Bartleby ser senhor de seus domínios era tão grande que sua última cartada será o abandono de seu espaço físico – o que não excluiu sua presença psíquica naquele lugar, e esse lugar se chamava Bartleby.

As perturbações sofridas pelo narrador, decorrentes deste conflito consigo mesmo, causado pelas impressões que o escrivão lhe impunha, ocasiona num dado momento um lapso de leitura de mundo. Percebemos isso na passagem em que o narrador, andando pelas ruas, torcendo para que Bartleby tivesse cumprido o prazo de seis dias e se retirado do escritório, ouve um murmúrio de pessoas a dizerem “Aposto que não vai!”, momento em que, tomado por um impulso inconsciente, toma

posição contrária à do apostador e, já metendo a mão no bolso para tirar o dinheiro, percebe que o contexto em que se dava o enredo era completamente outro daquele em sua mente, tratava-se de eleições na câmara, momento então que percebe seu lapso.

O ápice da comunhão estranho-familiar ocorre no momento em que, já sem saber o que fazer, o narrador se vê diante de uma “idéia que lhe ocorreu, mas que já lhe aflorara antes”: o convite para que Bartleby fosse morar com ele. Aí talvez tenhamos uma afirmação acerca do que mencionei sobre o duplo, o narrador nada mais queria do que ter Bartleby consigo, ter poder sobre aquilo que lhe escapava a domesticação, o conhecimento, como os homens que, com medo da morte, falam acerca da alma eterna, que a todo instante está atrelada ao corpo, exceto no momento da desconhecida morte. Porém, a negativa de Bartleby parece ser a eterna recusa da potência de ser e não ser ao ato, a recusa da palavra à domesticação, o abandono da linguagem à representação, e é isso tudo o que Bartleby denota.

Encerro aqui minhas interpretações sob o prisma da psicanálise acerca do enredo bartlebio, não significando, de forma alguma, que se tenham esgotado as hipóteses referentes a melhores traços e comparações, os quais poderão ser feitos em uma oportunidade em que a psicanálise seja a única ciência a ser abordada para o assunto em questão.

2. A NATUREZA DIVINA E A NATUREZA BARTLEBIANA

Em um trabalho que eu desenvolvi sobre a metáfora no texto judaico, tracei alguns pontos sobre a natureza divina, sob o ponto de vista cabalístico. Acho de grande valia trazer alguns excertos para que desvendemos a natureza do escrivão, em concomitância com a tentativa de expressar o indizível: o que é Deus.

No livro de Gershom Scholem, *A Cabala e seu simbolismo*, a criação divina é concebida como um ato de escrita, no qual as letras representam o veículo material através do qual o verbo criador de Deus se incorpora nas coisas criadas. Cada criatura representa uma letra da Torá, e cada letra é um signo que se refere à criação. Os

cabalísticos aproximam o ato de criação ao ato de escrita, originando a metáfora de Deus como um grande escrivão do universo, sendo a Torá a representação material de sua essência espiritual, a transformação da sua potência em ato. Este é o primeiro ponto onde podemos aproximar a figura de Bartleby à de Deus: se em verdade toda a criação divina é advinda de sua essência – já existente –, o que Deus faz, de fato, ao criar o mundo e as criaturas é copiar. Daí a Bíblia Sagrada dizer que “fomos feitos à imagem e semelhança d’Ele”, ou seja, cópias reproduzidas aos montes pelo escrivão do universo.

Bartleby também fazia cópias, as melhores possíveis, e com uma rapidez impressionante – talvez tenha trabalhado seis dias e, a partir do sétimo, descansado. Em determinado momento, Bartleby se torna o escrivão que não escreve, como que reivindicando ser potência, e não mais ato. Aristóteles no *De Anima* vai nos falar sobre o pensamento, o *noûs*, o qual não tem outra natureza que a de ser em potência, e, antes de pensar, não é em ato absolutamente nada. Essas teorias aristotélicas influenciaram os religiosos árabes – falasifa – no concernente à criação divina. Eles eram partidários, assim como os cabalísticos, de que, da mesma forma como um escriba molha sua pena no tinteiro e começa a escrever, atos semelhantes são realizados nas esferas superiores e inferiores da criação.

A questão é que Bartleby, assim como Deus que, ao encerrar a Torá, restituiu a sua potência perfeita, quando cessa de escrever, apenas um nada o separava do ato de criação. A cada *I would prefer not to* Bartleby desarticulava a previsão, não se escravizava nem ao seu ato nem à sua omissão, visto que não possuía não mais negação do que certeza, apenas “preferiria não fazer”.

A questão da potência é vista em algumas passagens bíblicas, onde a palavra engendra interpretações precisas, como na epístola de Paulo aos Filipenses: “Tudo *posso* naquele que me fortalece”, onde o verbo escolhido pelo apóstolo de nenhuma maneira foi ao acaso. Apesar de nossa tradição ética tentar dispensar o problema da potência reduzindo-a aos termos “vontade” e “necessidade”, o texto sagrado valoriza o verbo *poder*, como sendo a possibilidade de retornarmos ao estado de potência se integrados n’Aquele que é integralmente um Ser em potência. Bartleby, outra vez,

dessaranja a hipótese cartesiana de racionalidade e coloca a vontade sob o jugo da potência. Em nenhum momento em seu discurso há uma relação entre poder e querer, Bartleby só pode sem querer, excedendo a vontade em todos os lados. Deleuze dirá que Bartleby “abre uma zona de indiscernibilidade entre o sim e o não, o preferível e o não preferido”.

Giorgio Agamben falará sobre Decriação, e estabelecerá este ponto em comum entre as natureza divina e bartlebiana. Dirá que Deus criou o mundo a partir da sua potência de ser, mantendo-a separada da sua potência de não ser, e que a interrupção da escrita marca passagem à segunda criação, na qual Deus reclama para si a sua potência de não ser e cria a partir do ponto de indiferença de potência e impotência. Dessa forma, não mais há a criação, recriação ou a repetição eterna, mas o que ele chama de decriação, “onde o que foi e o que não aconteceu são restituídos a sua unidade originária na mente de Deus, e o que podia não ser e aconteceu esfuma-se no que podia ser e não aconteceu”. Bartleby também inicia o seu processo de decriação quando renuncia à escrita, e mesmo a qualquer ato, agora ele somente observa aquele muro alto, como se em estado de suspensão.

Em outras passagens importantes da Bíblia, especialmente relativas aos discursos de Paulo, a questão da letra é crucial para entendermos a questão da potência nos livros sagrados: em 2º Coríntios, o apóstolo dos gentios afirma que “a letra mata, o espírito vivifica”, e essa letra que mata seria o próprio ato divino quando de sua criação, posto que seríamos cópias mal feitas daquele que seria a perfeita potência. E o que vivificaria seria exatamente a potência de ser e de não ser, aquela que somente adquiriremos quando “entrarmos no dia do Senhor” (Apocalipse, 1:10). O que fez Bartleby foi entrar nesse “Dia (tempo e espaço) do Senhor”, onde tempo e espaço se esvaem de forma que adquiramos o estado de contingência absoluta. Assim, compreendemos que a fórmula de Bartleby, aquela onde não há razão para que algo exista mais que não exista, aproxima-o da natureza divina quando de sua segunda criação, a que decria.

3. ADENTRANDO O CAMPO DA FÍSICA QUÂNTICA

Agamben, ao falar da contingência, diz que um ser, que pode ser, e, simultaneamente, não ser, chama-se, em filosofia primeira, contingente. Cita Escoto, em sua defesa do caráter contingente do ato de criação divina ao dizer que “no próprio ato de vontade, Deus quer os contrários, não que estes existam juntos, porque isso é impossível, mas quer-os conjuntamente;”, e de fato são muitos os exemplos em que os contrários convivem conjuntamente na criação divina, desde a *Bereshit*, quando Caim e Abel são naturezas distintas da vontade de Deus, até o conflito psíquico contido no *Evangelho* vivido por Jesus, ao sofrer as tentações de seu próprio inconsciente.

Todavia, não há melhor ciência para nos mostrar que o ser em potência existe em todo o espaço físico do que a Física Quântica. O ato de leitura ao qual me entrego a fazer agora da obra de Melville, mais precisamente do caráter de Bartleby, será embasado por essa ciência que, particularmente, trouxe a mim revelações tão impactantes acerca da vida em potência que não me detive em associar com o conto em destaque.

3.1. O segredo de Deus: a criação subatômica

Quando falamos em criação, não pensamos exatamente na sua constituição minuciosa, órgão por órgão, célula por célula, tratamos do caráter e de valores que nos parecem mais subjetivos do que palpáveis. Todavia, aqui faremos essa exata desarticulação da criação divina, não somente em relação ao ser humano, mas a tudo que existe e não existe à sua volta.

Entendamos então o que compõe a matéria, essa criação divina. Nos estudos de Isaac Newton acerca do átomo – em tese a menor unidade da matéria – ele considerava que fosse uma pequena partícula sólida, mas não foi o que os cientistas viram quando observaram um átomo pela primeira vez. A estupefação e o choque foram os mesmos de quando o homem de leis se deparou com a fórmula bartlebiana pela primeira ocasião, pois o que eles viram não foi somente uma partícula com um

núcleo e elétrons girando em volta, o inesperado é que eles se movimentavam em regiões relativamente vastas de espaço vazio, ou seja, o átomo é feito basicamente de espaço vazio. O tamanho deles é tão distante de nossa noção normal de proporções que é muito difícil perceber os tamanhos e distâncias relativos de suas partículas. Dessa forma, a própria ciência explica o que seria o contingente experimentado por Bartleby: essa conjunção de ser e de não ser em um único ser.

No livro *O ponto de mutação*, Fritjof Capra nos mostra essa perspectiva científica sobre a vida, onde através do diálogo entre um poeta, Tom, um político, Edward, e uma física, Sonia, hipóteses sobre essa nova visão acerca do mundo são desenvolvidas. A personagem Sonia ao falar acerca dos átomos nos dá o exemplo seguinte: para respondermos quantos átomos há numa laranja, teríamos que aumentá-la até que ficasse do tamanho da Terra para podermos enxergá-los.

Os átomos dela, então, ficariam do tamanho de cerejas, miríades de cerejas. Mas e o núcleo? Pois então, a resposta para tal pergunta seria que o núcleo é invisível nessas condições. Para isso teríamos que aumentar o átomo para que ficasse, por exemplo, do tamanho de uma ilha, assim, o núcleo ficaria do tamanho de uma pequena pedra, e os elétrons, menores ainda, precisaríamos procurá-los no entorno da ilha. Mais interessante ainda é que todo o espaço entre eles e o núcleo estaria vazio.

Aristóteles em *Analíticos Primeiros* mostra a condição à qual o possível, que pode ser e não ser, pode realizar-se, e que o contingente pode passar ao ato só no ponto em que depõe toda a sua potência de não ser. Se entendermos isso de modo a fazer uma analogia com a possibilidade de uma matéria se tornar sólida, mesmo repleta de espaço vazio, concluiremos que uma potência só pode se tornar um algo, por menor que seja, se estiver preservada a sua contingência, ou seja, se dentro da natureza desse algo estiverem tanto o ser quanto o não-ser, tanto o sólido como o vazio.

Mas o que torna uma pedra tão sólida se ela é constituída por átomos, e estes são repletos de espaços vazios? Por que não conseguimos atravessar as coisas? A explicação proveniente da Física Quântica é que todos os conceitos newtonianos

baseavam-se em coisas que podiam ser vistas, ou ao menos visualizadas. O que estava sendo descoberto eram conceitos que não podiam mais ser visualizados. E ao se depararem com os absurdos fenômenos da física atômica, tiveram de admitir que não possuíam uma linguagem, nem mesmo uma forma adequada de pensar nas novas descobertas.

Aqui, assumimos que essa descoberta científica nos confirma que a linguagem em seu modelo representacionista adquiriu um modelo de falência, visto que não possui o poder de domesticar as coisas nem que podem ser vistas, por mais que minimamente, quanto mais aquilo que não se pode ver. Daí a fórmula bartlebiana opor à *boutade* do Príncipe da Dinamarca, que resolve cada problema na alternativa entre ser e não ser, a sua emancipação tanto do ser como do não-ser, criando sua própria ontologia, para a qual o homem de leis também não possuía uma linguagem ou um conceito para definir, e, por isso, não a aceitava.

Retornando ao legado da física subatômica, para entender – ou tentar entender – porque a matéria é tão sólida, os cientistas precisaram desafiar até as idéias convencionais sobre a existência da matéria, e, após muitos anos de frustrações, tiveram que assumir que a matéria não existia com certeza em lugares definidos, mas sim mostrava tendência a existir.

O que Bartleby queria ao cessar seu ato de escrever, retornando ao seu estado de potência, era mostrar que de fato nossos atos não são, que nós não somos, propriamente dizendo, mas que temos uma tendência a ser, a existir, a fazer, exatamente pelo fato de haver em nós também a potência, da qual tudo provém, de não ser, não existir, não fazer. E por onde vagaria Bartleby no momento em que cessou de escrever e, simplesmente, ficou estático, ali, a observar o muro de tijolos? Estando em corpo naquele recinto, em alma, em espírito, fora da “letra que mata”, por onde andaria?

Suponhamos observar um elétron à nossa frente, não poderemos dizer que ele está em um lugar definido, mas apenas que tem a tendência de estar à nossa frente, e não à esquerda, ou à direita. Em linguagem científica, porém, não se fala em tendências, mas sim em probabilidades. Um elétron ao ser medido está num

determinado local, mas entre duas medições não se pode dizer que está em um lugar ou que percorreu um caminho definido de um local a outro, pois ele não se mexe, nem permanece no mesmo lugar, ele se manifesta como um padrão de probabilidades espalhado pelo espaço, e a forma deste padrão muda com o tempo, o que para a percepção humana pode parecer movimento. Essa noção de tempo e espaço, como já mencionamos anteriormente, está plenamente presente – e ausente – em Bartleby, visto que, apesar de repetir seu *I would prefer not to*, é a imprevisibilidade que o caracteriza, é seu caráter inteiramente desligado do espaço-tempo humanos que merecerá a atenção especial daquele que o observa, como os cientistas observavam os átomos, em sua essência de ser e de não-ser.

A encerrar esta seção, concluiremos a explicação física acerca das coisas sólidas dizendo que todas as partículas subatômicas, elétrons, prótons, nêutrons, manifestam essa *estranha* essência entre potencialidade e realidade. Poder-se-ia dizer que no nível subatômico não há objetos sólidos, e o que torna, por exemplo, uma rocha sólida vai além do poder da imaginação. No filme de Capra, a física Sonia nos explica essa questão ao mencionar um átomo de silício, que possui quatorze elétrons. Os padrões de probabilidade destes elétrons se dispõem como conchas ao redor do núcleo, cada uma contendo alguns elétrons. Dentro dessas conchas eles estão em todo lugar ao mesmo tempo, mas os padrões em forma de conchas são muito estáveis e muito difíceis de ser comprimidos, em suma, a matéria é sólida porque padrões de probabilidade são difíceis de ser comprimidos.

Ao restituir-se em seu estado de potência, Bartleby podia até ser visualizado, mas jamais alcançado, pois, como esses elétrons, estava ele em todos os lugares ao mesmo tempo, e talvez em lugar algum. Bartleby parece retornar ao nada de onde foi criado, nada esse que, ao contrário da tradição religiosa, sempre foi algo antes que lhe fosse dada a faculdade de ser. Daí o homem de leis nunca encontrar seu escrivão, estar com ele sempre em desencontro, tal qual Romeu e Julieta, pois como sujeito racional que era, apenas estava atido às teorias newtonianas, ou seja, ao que os seus limitados olhos podiam captar. Mas havia um biombo à sua frente, como então captar a potencialidade de Bartleby?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se *Bartleby* é um alterego, fruto do inconsciente do homem de leis, desnudado em sua natureza pelos estudos psicanalíticos de Freud, não sabemos. Ou se, conforme disse Deleuze, é um novo Cristo, que vem para abolir a velha Lei e inaugurar um Novo Mandamento, de forma que não veio para redimir o que aconteceu, mas para salvar o que não ocorreu, também não saberemos. Ou mesmo se ele foi o objeto mais real pelo qual a Física Quântica poderia encontrar sua comprovação de que não somos em potência de ser, nem o contrário, mas que como unidades cheias de átomos e, portanto, de regiões inimagináveis de espaços vazios, somos todos seres contingentes, fica também a conjectura. O fato é que *Bartleby, O Escrivão*, é uma obra tão excitante que nos permite lê-la, e relê-la com olhares diversos, cheios ou escassos de pontos de vista, porém, sempre em plenitude de possibilidades, às quais expresse em um poema do saudoso Alziro Zarur, constante de seu livro *Poemas da Era Atômica*, intitulado *Poema do Nada*:

“Nada,

Eu te invejo porque não vives,

Eu te invejo porque não amas,

Eu te invejo porque não sofres,

Porque não lês,

Porque não vês,

Porque não ouves.

Nada, quem me dera ser nada, como tu,

Para sentir,

No Nirvana da tua inexistência,

A impassibilidade do Não-ser!

Nada,

Para mim és

Tudo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Bartleby – Escrita da Potência* & MELVILLE, Herman. **Bartleby – O Escrivão**. Assírio Alvim. Edição/Reimpressão: 2008

CAPRA, Fritjof. **The turning point**. Editora Bantam, 1983.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos** (1900). ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **A psicopatologia da vida cotidiana** (1901). ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____. **O estranho** (1919). “The Uncanny” (1925). C.P. (Trad. De Alix Strachey)

_____. **O inconsciente** (1915). ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

NUNES, Sílvia Alexin. **Para ler Freud: A psicopatologia da vida cotidiana – Como Freud explica**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira: 2011.

SHOLEM, Gershom. **A Cabala e seu simbolismo**. Trad. Hans Borger e J. Guinsburg. São Paulo. Perspectiva, 2009

ZARUR, Alziro. **Poemas da Era Atômica**. 4ª edição. 1977. Rio de Janeiro, Agência Paz Promoções.

Recebido em 11/09/2016.

Aceito em 19/12/2016.